

A UM AMIGO

Zico —

Só outro dia me deram seu endereço, em Bruxelas. Fiquei contente tomei nota e, naturalmente, perdi. Podia arranjar outra vez — mas v. sabe o quanto me custa escrever cartas. É, talvez, por viver eu dessa coisa de escrever; é uma coisa que cansa e enjoa, quando se faz por obrigação. Resulta que escrevo cada dia com mais dificuldade — o essencial para prover o mesquinho pão dos meus. Assim tenho uma inevitável sensação de estar sendo roubado quando escrevo de graça — embora ninguém mais do que eu goste de me sentir junto dos amigos, que a vida espalha por tantos cantos. Tão ruim é a vida moderna que a gente tem pouco tempo para ter amigos, ou cultivá-los. "Vamos nos encontrar hoje — telefonava Raul Bopp a um amigo dele que, ainda que vivendo na mesma cidade, não via há meses. Precisamos rincar juntos".

Sim, só a amizade nos dá essa sensação de bem-estar e repouso que tem alguma coisa de animal — cavalari ou vacum. Divido meus amigos em cavallares e vacuns. Por exemplo, v. é cavalari, o Pedroso é vacum. Falar nisso, estive com ele pouco depois do Carnaval. Sentamos a uma mesa de canto e ficamos ali ruminando e mugindo lorgamente. Passei o sábado na Bahia, e vi o Carybé (não o da Rocha, mas o falso argentino); ele vai a todos os candomblés e, na Feira de Água dos Meninos, beijava a mão das velhas negras que vendiam doces. Fêz uma série de desenhos esplêndidos sobre a pesca do xaréu, e disso se publicou um pequeno livro lindo; está fazendo um mural em uma residência moderna, na praia de Amalrina — por sinal que se fêz na Bahia, no tempo do Mangabeira, uma coisa extremamente bela que foi essa estrada de asfalto ao longo do mar e dos coqueirais (e ainda há um caral) até perto do farol de Itapoan.

Abaeté continua uma lagoa escura, arrodada de areia branca; mas fizeram lá uma casa que não deviam ter feito. E você sabe, Zico, como sou generoso em arquitetura; amo nossa confusão nacional, e mesmo naquela viagem de praia me alegrou ver uma casa em forma de navio, outra em forma de coliseu (mas meio turco), depois casinhas simples e honestas com varanda, depois uma linda casa moderna. Quanto ao Dorival, tenho vergonha em confessar que ainda não o vi; preciso vê-lo, e ouvi-lo mugir. Falar nisso, o Carybé não é vacum nem cavalari; é lhama. Difícil imaginar um homem mais rústico e mais fino. Se cuspiisse, cuspiria de lado, como as lhamas.

Bem, também estive em Paulo Afonso. E preciso ir lá urgentemente; no fim do ano que vem a Cachoeira vai ficar borocochô, porque uma boa parte das águas será desviada para a usina. Descemos em um túnel vertical de oitenta metros cavado no gnaisse granítico. Sobrevoamos duas torrentes em caçambas. Vimos a cachoeira sertaneja, imensa, bramindo entre facheiros e mandacarus, como se sua água fosse maldita e não fertilizasse a terra, se mordendo lá em baixo, vencida, a rocha do talvegue fundo.

É belo, Zico. Além disso, ontem de noite também estive olhando a lagoa Rodrigo de Freitas. Depois, já tarde, choveu. A chuva também é bela. Havia um cisne — mas não na lagoa, no botequim. Vi-o de longe. O resto só conversando; me espere, que este ano ainda vou a Bruxelas e faremos grandes bruxeladas. Adeus.

15.5.51 R. B.

454